



INFORMÁTICA E SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Orientador: Thomas P. Dwyer

Financiamento: PIBIC/SAE

Autor: Vinícius Melchior Furtado



Introdução e Justificativa

A inclusão da sociologia como matéria obrigatória no currículo do ensino médio é resultado da luta de educadores e sociólogos, e para garantir a consolidação desta proposta se torna urgente a pesquisa sobre práticas de ensino e aprendizagem da matéria. Há a necessidade urgente da produção de pesquisas sobre o assunto após a implementação de sua obrigatoriedade em todos os anos do ensino médio a partir de 2008 com a sanção da Lei n. 11.594. Como matéria obrigatória no currículo da escola média ao longo da década, a consolidação de um bom ensino de sociologia depende da produção de pesquisas sobre o assunto e de uma aproximação entre a universidade e o trabalho dos professores, permitindo o desenvolvimento de uma interdisciplinaridade, como aduz a Amartya Kumar Sen (2003).

A sociologia entra na grade curricular da escola média em momento que o uso das tecnologias da informação e comunicação é difundido por alguns educadores como solução para os desafios impostos à escola pela assim chamada "sociedade digital". As TICs são todo o conjunto de tecnologias de processamento e compartilhamento de dados, o que não se limita a internet mas inclui todos os dispositivos: multimídia integrados em nós como games e telefones portáteis, são tecnologias radicalmente novas por serem inovadoras, o que as diferencia da televisão e do rádio, por exemplo, tecnologia de comunicação de massa que estão sendo incorporadas a esta nova modalidade instrutiva (MARTINEZ, 2004).

Panoramas de "educação digital", as TICs trazem consigo as potencialidades de melhoramentos ideais da educação; aproximando alunos da sala de aula através da EAD ou trazendo para dentro da sala de aula conteúdos novos em diversas mídias que antes eram inacessíveis; virtualmente torna o conhecimento acessível a todos igualmente e de modo a favorecer a autonomia no aprendizado. Entretanto isso poderia figurar como uma utopia para o modelo de ensino vigente, uma vez que ainda baseado na transmissão do conhecimento pelo professor como instrutor através da lousa e da cópia, um compartilhado aos novos modos de aprender: os jovens já têm virtualmente o poder de acessar e interagir com todo tipo de informação através das novas tecnologias. E eles já se tornaram leitores não, para estudantes otimistas como Tapscott(2000) toda uma geração vem ajeitada da dominação da tecnologia como se ela fosse o ar que respiramos e não mudando o mundo como o conhecemos; nas educação, política e negócios. Vividamente se fala falar de "toda uma juventude" que vive na fronteira da inovação tecnológica, a sociedade digital mantém muitos jovens fora da capacidade física e estrutural de ter as mesmas possibilidades de acessar a informação e participar dos novos processos gerados da pesquisa. Isso implicaria o problema inverso para o modo de ensino para os estudantes "maltratos", a escola torna-se responsável pela inclusão digital na geração dos estudantes no novo mundo "digitalizado" (RUV, 2003) além disso, a escola deveria saber que alunos autônomos de diversas habilidades sociais usam as tecnologias de diferentes maneiras: a tecnologia não pode ser um fim em si mesma. Mesmo após anos de políticas públicas de inclusão digital no Brasil segundo o CCI, Comitê Gestor da Internet no Brasil em um survey de 2009, existem desigualdades de acesso entre áreas urbanas e rurais (domínios: com computador: 34% e 12% respectivamente), e gêneros (domínios: com computador no celular: 43%, mulheres: 14%) e classe social (domínios: com computador de classe A: 94%, classes D e E: 3%). O professor deveria assumir o papel de mediador das informações, de ensinar a aprender, de ajudar o aluno a construir o conhecimento a partir das informações que fluem no cyber-espaço, a escola se responsabiliza pela formação de indivíduos autônomos e integrados à "sociedade digital", "sociedade digital", para sempre gar que temos que desengano a generalização das novas formas de produção e comunicação.

Entretanto, Dwyer et al. (2004) em um estudo sobre o uso de computadores e currículo escolar, constataram que da forma geral alunos que usam o computador de maneira intensa independentemente de classe social tinham menos motivos a serem do SAEB do que aqueles que usam menos o computador. Uma nota peculiar é que os usuários mais ativos das classes mais pobres tinham resultados muito piores do que os seus pares que não usam muito intensamente o computador. Encontramos um otimista aprendizado em base científica entre muitos educadores em relação às TICs; como explicar que professores, profissionais dedicados cuja vida é comprometida com a ciência e com a avaliação de desempenho e no ensino, aceitam a tecnologia sem reservas? Que os sociais do computador também são diferentes: observamos na bibliografia que nem todos os alunos sociais usam as TICs da mesma maneira e buscam os mesmos objetivos. É possível falar de jovens socializados, não de "tribos", mas não de uma única juventude com o mesmo perfil tecnológico. Dwyer (2003) identifica e trabalha essas diferenças, demonstra que o aluno usuário de uso das tecnologias em suas atividades escolares é de baixa maioria majoritariamente branco, ou de origem asiática, e de sexo masculino.

Qual é a situação de ensino de sociologia na escola média que vivenciamos? Podemos afirmar que não seja majoritariamente orientado pelo modelo de "educação digital", uma vez que na maioria das escolas, apesar do "boom" dos laboratórios de informática nas escolas, o uso do computador ainda é limitado para o ensino a perspectiva de "experimento" ou de adicionar no currículo algumas noções básicas de informática. Outras TICs são usadas somente em casos particulares, dentro de programas especiais como o "One Laptop per child", sendo que os gadget e celulares são inimigos declarados da direção pedagógica da maioria das escolas por "tirem a atenção" dos alunos. Na escola pública os programas de inclusão digital também são limitados, no estado de São Paulo, o Acesso Escola está presente na grande maioria das escolas do ensino médio, mas o usuário tem somente 30 minutos de uso por vez que acessa a máquina, segundo o site do projeto. Na pesquisa bibliográfica os nos deparamos com um estudo de caso sobre a mídia digital tecnologia na escola média do ensino médio: Silvana Leodoro (2009) faz do papel do professor de sociologia não um simples transmissor de conteúdos desconstruídos e desmistificados de teorias, mas o de um comunicador e mediador de encontro dos diversos sujeitos que participam da construção do conhecimento sociológico nas aulas utilizando as tecnologias. Mas o estudo indica que o uso positivo das TICs depende em grande parte da iniciativa de professores em conjunto com seus alunos, incluindo as tecnologias no processo de ensino-aprendizagem como um todo. A tecnologia não deve ser um fim em si mesma: ela abre um leque de possibilidades, mas sem orientação pedagógica ela não tem valor educativo imediato. A tecnologia poderia aproximar alunos e professores das habilidades sociais nos dois sentidos e permitir que se comuniquem melhor, entendendo o próprio "tempo pedagógico" da sala de aula, o que pode ser produtivo para a sociologia e seus desafios para lidar com a diversidade da realidade social dos alunos e do tempo limitado de aulas no currículo.

Em compensação também podem aproximar o aluno de opiniões e informações de conteúdo teórico que podem ser de leitura e acessados sem o devido senso crítico, facilitar e plágio, estimular a formação de uma opinião única e autoritária. Assim a sala de aula de um curso comum que tenha de chamado "copiar e colar".

Minuendo exploratório busca sob perspectiva sociológica lança uma luz sobre o quadro de uso das tecnologias por professores e alunos para o ensino - seja "tradicional" ou "digital" - e aprendizado - nas diversas formas em que os alunos podem usar os computadores - de sociologia, a discussões e debates de uso destas tecnologias para educação.

Metodologia

Entrevistas por e-mail profissionais de sociologia da rede pública e privada de ensino de Campinas acerca de suas experiências de ensino com computadores, questionários distribuídos via web, em a variedade de serem mais rapidamente distribuídos e também são mais velozes na obtenção das respostas, podem ser modificados ao longo da pesquisa e são mais baratos (COOPER, 2000). Os questionários são indicados para pesquisas populacionais que visam inicialmente o computador (KILLS e SCING, 2002) sendo um instrumento particularmente útil aos nossos objetivos. O questionário foi usado para coletar informações sobre: a) uso do computador, notadamente nos comportamentos e opiniões de professores e alunos sobre a tecnologia em suas atividades; b) atividades de sociologia, para obter dados sobre o modo que a tecnologia é incorporada na educação e na disciplina de sociologia nas atividades de ensino-aprendizagem pelo uso que responde o questionário c) experiência em sala de aula, para obter dados sobre como estas atividades são coordenadas e avaliadas no ambiente de interação entre professores e alunos. É preciso ressaltar que o índice de resposta normalmente é menor do que o de um survey tradicional que os usuários de computadores são sobre-respondentes. Nossa pesquisa continua em desenvolvimento e enfrentou problemas para garantir que não tenhamos respostas enviesadas.

Aplicamos questionários online em alunos usuários de computadores sobre o modo que utilizam computadores em suas atividades. Os questionários, questionários distribuídos via web, em a variedade de serem mais rapidamente distribuídos e também são mais velozes na obtenção das respostas, podem ser modificados ao longo da pesquisa e são mais baratos (COOPER, 2000). Os questionários são indicados para pesquisas populacionais que visam inicialmente o computador (KILLS e SCING, 2002) sendo um instrumento particularmente útil aos nossos objetivos. O questionário foi usado para coletar informações sobre: a) uso do computador, notadamente nos comportamentos e opiniões de professores e alunos sobre a tecnologia em suas atividades; b) atividades de sociologia, para obter dados sobre o modo que a tecnologia é incorporada na educação e na disciplina de sociologia nas atividades de ensino-aprendizagem pelo uso que responde o questionário c) experiência em sala de aula, para obter dados sobre como estas atividades são coordenadas e avaliadas no ambiente de interação entre professores e alunos. É preciso ressaltar que o índice de resposta normalmente é menor do que o de um survey tradicional que os usuários de computadores são sobre-respondentes. Nossa pesquisa continua em desenvolvimento e enfrentou problemas para garantir que não tenhamos respostas enviesadas.

Conclusão

Até o presente momento da pesquisa verificamos que virtualmente todos os alunos usam a internet e computador para pesquisar e criar trabalhos para as escolas e a maioria das vezes "tempo" ou "na maioria das vezes". Entretanto, como esperado, encontramos uma população muito específica de alunos, a maioria considera-se "bancos" (57,8%) e possui mais de um computador em casa (71,2%). Isso indica a situação desigual de acesso às tecnologias, bem como o perfil de quem responde aos questionários. Também, muitas poucas respostas são de alunos da rede pública, a maioria dos alunos é da rede privada e do ensino técnico. Como não dispomos de um amostra da amplitude do SAEB para a sociologia no ensino médio, utilizamos da auto-avaliação dos alunos. No quadro geral a distância entre auto-avaliações de desempenho "bom" e "ruim" em sociologia e nas demais matérias assumiu a incidência do maior uso de computadores, de 4 horas a 8 horas diárias de forma positiva. Mas sem considerar as diferenças entre os tipos de ensino não temos um dado confiável. Quando comparamos alunos de uma mesma rede de ensino, não encontramos um aumento significativo de auto-avaliações "bom" ou "ótimo" do uso de 1 hora a 2 horas diárias dos demais. Encontramos entre alunos de uma mesma rede, situações de acesso e de uso do computador na matéria de sociologia semelhantes, provavelmente devido à natureza socio-econômica. O dado que pode nos interessar mais é que entre os mais privilegiados (alunos brancos ou oriundos de colégios privados ou técnicos com mais de um computador em casa, 40,1% de amostra) existem freqüências bem maiores do uso do computador para comunicar-se com o professor fazer apresentações com conteúdo multimídia em sociologia. O mesmo dos alunos com menos acesso à tecnologia para pesquisar e digitar trabalhos. Como todos no entanto utilizamos da internet para fazer pesquisas "tempo" ou "na maioria das vezes". Isso indica que o modo de fazer as atividades de aprendizagem e o estudo pela tecnologia, os alunos acessam a internet principalmente, mas as atividades propriamente teóricas e práticas. E a tecnologia não necessariamente está aproximando habilidades de alunos e professores do modo de ensinar sociologia. Nenhum aluno usou o computador em sociologia em suas atividades que não fossem de "trabalho de casa".

Além disso, encontramos nos depoimentos dos professores a dificuldade que a sociologia tem para afirmar seu espaço que limita suas "iniciativas digitais" assim como a falta de estrutura física de acesso. Professores relatam que suas atividades com tecnologia não obtém os resultados bons que esperavam, os alunos preferem o modo tradicional de aulas expositivas, ou no máximo a apresentação de filmes, do que alternativas digitais. Estes acontecimentos à light copada da luz e coberturas. Também, professores se desanimam quando, ao pedir que os alunos tragam conteúdo de internet para a aula, recebem textos que não foram sequer relacionados e que contém impressões de links da página de onde foram retirados - completamente na rede ou parciais.

Nosso estudo é exploratório e serve um andamento, procuramos criar e afirmar hipóteses para estudos futuros. O que indica nossa pesquisa até agora é que o tempo extra-classe dos alunos mudou substancialmente no mundo digital mas o tempo disponível em classe continua mais ou menos inalterado. Para a sociologia isto tem um significado particular com somente uma aula semanal e seu tempo limitado, a sua posição subalterna no currículo torna complicado para os professores melhorarem suas atividades fora de sala. As novas tecnologias podem aparecer como uma saída possível para os desafios colocados a sociologia para sua consolidação que são identificados por Moraes (2003) mas não podemos estar afirmando a ser o papel se não vamos parcialmente, apenas para substituir por alternativas mais caras e não necessariamente melhores, a lousa, o caderno e a escrita manual.

BIBLIOGRAFIA

COOPER, Mich P. Web Surveys: introduction to surveys and applications. In: Public Choice Quarterly vol. 64 n° 4 p 649-67 2000

DWYER, Tom. Informatização em contextos de ensino médio: uma abordagem sociológica. In: RIBEIRO, G. (Org.), WATNER, J. (Org.), DWYER, Tom (Org.) Informatização e organizações educacionais. Simão 2004 ed. São Paulo: Inter, 2002

DWYER, Tom e ali. Dependência em uso de computadores em contexto de ensino médio. Educação & Sociedade, v. 25, p. 1203-1225 2007.

FOY. Mídias Educacionais Digitais 2003. Disponível em: <http://www.fde.org.br/revista/revista03050401.pdf>

Comitê Gestor da Internet no Brasil. Pesquisa sobre uso das tecnologias da informação e comunicação. Disponível em: <http://www.cci.org.br/2009030101.htm>

LEODORO Silvana. A disciplina Sociologia no ensino médio: propósitos e condições pedagógicas e tecnológicas. Documento de Trabalho, Faculdade Educação USP 2009

MORAES, Amartya Kumar Sen. de Comunidade Crônica. Sejam vocês todos juntos e não tempo. São Paulo 15 17 p 54-60 2003

MARTINEZ, Jorge. Guacera Nueva Tecnología en el aula de educación. In: TEDESCHI, Juan (Org.) Educación e Nueva Tecnología: representaciones y usos. São Paulo: Caebr 2004

TAPSCOTT, Don. Growing up digital: how the net generation is reshaping our lives. New York: McGraw-Hill 1998

SELLS, Stephen J. e SCING. Changing Internet use: Survey results on applications of web 2.0. In: Social Science Computer Research vol. 20 p 22-30 2007